



O Fogo e a Chama

O Fogo e a Chama – Felipe Moreira Caldas

Biografia do autor: Felipe Moreira reside em São Roque - SP, tem 26 anos de idade e é redator e proofreader freelancer. Atualmente, procura editora para seu primeiro livro, “O Impacto da Pluma”, cujo universo também engloba o conto aqui publicado.

Resumo do texto: A Floresta de Khandava, na Índia mitológica, é a morada de uma miríade de criaturas malignas, que lá encontram santuário através das benesses do rei dos Nagas, Takshaka. O rei é protegido por Indra, deus dos céus. Agni, o deus do fogo, precisa consumir Khandava por inteiro para se curar de uma doença mortal. Assim sendo, pede ajuda para a heroína Arjuna e o deus aventureiro Krishna.

O que acontecerá quando diferentes naturezas e visões de justiça se cruzarem sob as cores sem fim? É o que veremos.

Na colina, o garoto esquentava as mãos na fogueira improvisada. Galhos secos e folhas. Não cheirava lá muito bem, mas era o que tinham.

Do outro lado, dormindo sobre o braço direito, estava a irmã. Encolhida, tentando não deixar o calor sair ou o relento entrar. A cada dez segundos ou menos, seu corpo liberava um espasmo trêmulo.

Olhando para ela, quase deixou a manga do *chogha*¹ se chamoscar. Praguejou baixinho.

A vila já não mais existia. As pessoas já não existiam. Tudo o que havia sido inteiro, agora era quebrado, e por alguma razão, ele e sua irmã tinham sobrevivido. Ele queria ser forte dali em diante, se agarrar na busca daquela razão, e...

...não notar a sombra se agigantando logo atrás.

Respirou. As presas do Pisaca² cobriram testa e nuca, como coroa de espinhos.

Inspirou. O som de dente rasgando osso e quebrando carne, chegando ao cérebro.

Olhos vermelhos cintilaram. As grossas veias que cobriam o corpo monstruoso pulsaram de excitação.

A irmã não despertou. Facilitou o trabalho para o Rakshasa³ que, subindo a colina, apenas chegou e inclinou o corpo enorme, enterrando a espada no crânio da criança.

A razão da sobrevivência acabava ali.



A Floresta de Khandava⁴ aceitava cores. Troncos podiam ser azuis, folhas podiam ser vermelhas, e frutos eram livres para serem transparentes.

A Floresta de Khandava aceitava que a relva parecesse ouro puro, e que a terra se mostrasse tão alva quanto as nuvens no céu. Aceitava também as criaturas, sujas de sangue, dormindo encostadas nos caules frondosos.

O que a Floresta de Khandava não aceitava, porém, eram limites.

– Os céus estão limpos, os pássaros cantam, e a ordem reina. – Disse Indra⁵, categórico, flutuando sobre o tapete colorido de Khandava. O manto negro balançava com o vento, e sua pele azulada emanava viço. – Se tal panorama pacífico for derrubado, se a escuridão cobrir o dia e a luz dos relâmpagos roubar o que pertence ao sol, adianto que a culpa será de vocês dois, e apenas de vocês dois. Não me responsabilizo por nada, senão pela defesa de um inocente.

– O senhor passa tempo demais nos céus, caro Indra, enquanto a terra, aos seus olhos, é habitada por esses ditos inocentes... a quem o senhor chama de *amigos*. – Krishna⁶ retrucou, deitado sob a copa de uma árvore, entre

¹ Tipo de casaco tradicional da Índia, surgido entre os séculos XVI e XVIII. A palavra “chogha” traduz-se como ‘manto’.

² Criatura mitológica do hinduísmo. É conhecida pelo gosto que tem por carne humana, por ser uma suposta encarnação física do fogo fátuo, e por normalmente assombrar crematórios.

³ Outra criatura mitológica do hinduísmo. É um tipo de demônio que possui garras venenosas e se alimenta de carne humana e/ou comida apodrecida. Reza a lenda que um humano particularmente perverso se torna um Rakshasa na próxima encarnação.

⁴ Floresta mitológica do folclore hindu. É conhecida por ter sido citada primeiramente no poema épico Mahabharata. Foi, segundo as lendas, tanto morada de criaturas como os Nagas quanto do próprio deus Indra.

⁵ Deus hindu dos céus, dos raios, dos trovões, das tempestades, chuvas e correntezas.

⁶ Deus heroico hindu, conhecido por ser uma das facetas do grande deus Vishnu. É também o deus do amor, e o conhecido mestre e companheiro do herói Arjuna em diversas aventuras.

dois grossos galhos que lhe serviam de apoio.

De pé sobre um fino galho no topo de uma árvore inteiramente verde, Arjuna⁷ manteve-se calada.

– Acusações e acusações. O que você pensa, Krishna? O que um deus viajante, sem pouso certo, pode saber sobre mim? Não presuma que eu tenha qualquer relação com Pisacas ou Rakshasas. Não presuma que componho minhas companhias através de espíritos vilões.

– Não é deles que falo, meu caro senhor.

– Pois eu, sim, falo. Apesar de não caminhar lado a lado com tais criaturas, não posso negar que são convidadas aqui em Khandava. Estão no reino de Takshaka⁸, que, sim, é amigo meu. Se o rei dos Nagas⁹ os considera bons o bastante para sua casa, devo confiar em seu julgamento. Vocês, por suas vezes, devem confiar no meu.

– A palavra do rei vale mais do que qualquer evidência? As guerras, a pilhagem, a destruição, a miséria causada pelos convidados do rei tornam-se menos reais diante da assim dita verdade que sai da boca dele?

– Guerras acontecem todo dia, Krishna. A guerra é uma constante e a paz é rara como o amor verdadeiro. No entanto, você está aí, deitado acima de um perfeito exemplo de paz e tranquilidade. Acha que vale a pena destruir um exemplo de ordem apenas porque lhe parece justo à curto prazo?

– É dia. Durante o dia, quando tudo é claro às vistas, demônios dormem e grandes deuses mantêm-se vigilantes. Mas a noite chega, deuses se cansam de vigiar e o mal pode violar a terra o quanto quiser. A questão aqui é qual parte do dia escolher para reforçar seu argumento.

– Em nenhum momento disse que não reconheço que os convidados de Takshaka são capazes de cometer erros...

– *Erros?*

– ...não obstante, afirmei que guerras acontecem todos os dias. E a guerra, os desprazeres...

– *Desprazeres?*

– ...os desprazeres que dela provém... são parte da natureza dos demônios que aqui temos. Se sua natureza, por exemplo, é vir até aqui e me aborrecer com sua magnanimidade, a qual não consegue ignorar, isso me dá o direito de fazê-lo queimar até a morte? Qual a diferença essencial entre vocês e eles?

– A causa que defendemos, talvez? - Arjuna falou, pela primeira vez. Virou o rosto, em parte, para olhar nos olhos de Indra. - Se vossa senhoria quer argumentar que os convidados do rei não estão livres de suas naturezas, argumente à revelia. É verdade também que não estamos livres de nossa natureza quando queremos ajudar aos que necessitam, mas tal natureza é mesmo comparável à daqueles que só semeiam a ruína?

– Naturezas são naturezas e opiniões são opiniões. Por exemplo, estaria eu também livre de minha natureza amistosa, e por consequência de minha amizade com o rei dos Nagas? Entendo que ambos temos amigos envolvidos em...

⁷ Lendário herói da mitologia hindu, que também é um dos príncipes Pandava citados no épico Mahabharata. Aqui, em O Fogo e a Chama, é uma heroína, conhecida pelo seu forte senso de justiça.

⁸ Rei dos Nagas, as famosas criaturas-serpente do folclore hindu. É também conhecido nas mitologias japonesa e chinesa como um dos “Oito Grandes Reis Dragões”.

⁹ Criaturas-serpente do folclore hindu. São uma tribo guerreira, com uma longa história no folclore da Índia.

– Agni¹⁰ está *morrendo*, Indra! Morrendo! - Arjuna rosou, impaciente. - Agni vive, por séculos, na cadência daquilo que o povo dá a ele. Agni vive do que é dado ao fogo. Agni é frugal, até mesmo ascético. Não ouvimos dele a não ser quando alguém abusa de suas dádivas o bastante para causar uma catástrofe. Um dia, um fanático decide que precisa render mais sacrifícios e oferendas aos céus do que a maioria dedica, e desfaz no fogo todo o seu reino por doze anos seguidos. *Doze*. Agni então fica doente. Há coisas que não devem ser oferecidas a ninguém, coisas que envenenam a alma. A única coisa capaz de curar o deus do fogo é o consumo da Floresta de Khandava e seus demônios residentes. A fauna se salvará, nós mesmos nos encaminharemos de guiá-los. A flora pode ser recuperada com o tempo. Mas, Agni? Agni é a chama, a primeira luz deste mundo e a força motriz de milhares de vidas. Você o deixaria morrer, Indra? Você mataria o fogo divino em nome da “natureza” de criaturas vis?

Indra ficou em silêncio por alguns segundos, antes de responder contrariado:

– Não existem provas de que Agni possui tanta importância neste mundo.

– Não existem *provas*? - Arjuna disse, com a voz alcançando um agudo ainda inédito para ela.

– Em primeiro lugar, sua insolência não me agrada. Seu tom. Em outros tempos, alguém que mal pode ser considerada uma semideusa não teria a coragem de levantar a voz para aquele que governa os céus, nem de chamá-lo pelo nome. Em segundo lugar, lhe falta tolerância diante dos que não se curvam às suas ideias. E, em terceiro lugar... belas são suas palavras, mas soam apenas como alguém tentando fazer anúncio das próprias supostas virtudes. Não há relação com a realidade nelas.

Arjuna se virou e olhou, estupefata, para Krishna. O deus estava tão sem palavras quanto ela e em solidariedade só conseguiu dar de ombros.

– Se já terminaram, estão livres para ir. – Indra foi continuando, sem dar atenção à indignação silenciosa dos dois. - Não terão minhas bênçãos. Espero que, a longo prazo, consigam compreender o quão equivocado

– O céu no horizonte acendeu-se de vermelho, laranja, amarelo, branco, azul. O crepitar, vindo de baixo para cima, foi tão alto como o som de cem legiões marchando sobre a terra. Os frutos translúcidos de Khandava encheram-se de cor, repentinamente.

Num ponto afastado, tal qual montanha surgida onde antes tudo era floresta, estava o fogo de Agni, crescendo, alongando-se, ondulando e alimentando-se do ar.

– O que... significa isso?! – Indra olhava, paralisado, para o cenário. Só os músculos do rosto se mexiam, travando batalha em dezenas de semblantes revoltados. - Eu exijo explicações!

– Que tipo de explicações, meu senhor? – Krishna falou, lamentando tanto quanto alguém seria capaz de fingir. – Que explicações poderiam ser ditas que... não acabariam soando aos seus ouvidos como alguma forma de enaltecer nossa suposta virtude?

– Além disso, é necessário explicar nossa natureza? - Arjuna prosseguiu, emulando o tom desconectado de Krishna. – É preciso justificar a liberdade? Há licenças na vontade?

E da montanha de fogo foi se levantando Agni, cobrindo o sol que Indra antes ameaçara cobrir. Primeiro,

¹⁰ Deus hindu do fogo, e originalmente o irmão gêmeo de Indra. Diz-se que toda e qualquer chama do mundo é o próprio Agni, tornando-o importante em diversos aspectos da vida diária daqueles que o seguem.

O Fogo e a Chama

uma sombra disforme entre as chamas, e então, aos poucos, um gigante. Sua pele tinha o lustre de uma laranja madura, recém colhida. Os chifres, em ambas as cabeças, eram torres negras que se perscrutavam nuvens. Seus olhos, cabelos e unhas eram o magma abaixo da terra, solidificado.

Rapidamente, Agni consumia Khandava. Gritos ecoaram, de animais, Nagas e “demônios”. Agni se espalhava e em seu despertar o som de cascos e pés, asas e ventosas, iam compondo no ar um musical de fuga, da busca por novo abrigo.

– Vocês nunca, NUNCA pretenderam conseguir minhas bênçãos para esta... esta atrocidade! – Indra rugiu, fazendo surgir ao longe um relâmpago.

– Bem, “nunca” é um termo abrangente... – Krishna respondeu. – Evitar o conflito é sempre melhor, mas... não é como se a existência de um conflito fosse nos impedir de ajudar quem precisa.

– Vossa senhoria tem razão, Indra. Tem razão quando diz que os convidados do rei dos Nagas são livres para agirem como quiserem e também tem razão quando faz exercício de sua própria liberdade para defender os interesses de seu amigo Takshaka. Contudo... nós também somos livres para fazermos o possível e o impossível diante da injustiça.

– Paradoxal, talvez, meu senhor... mas é um paradoxo que estamos dispostos a defender, um peso que devemos carregar, pelo bem maior

– Sinta-se livre para discordar. - Arjuna sorriu para o deus flutuante, que só faltava espumar pela boca.

– Inaceitável! INTOLERÁVEL! ATAQUES A MINHA NATUREZA DIVINA!

Indra flutuou mais alto, enquanto as nuvens do céu vinham descendo na direção dele, espiralando, refazendo-se em novas formas mais... humanas. Fortes, esfumadas. Gênios ruins, de cavidades oculares preenchidas por raios.

Rodeado por eles, Indra fazia trovões ressoarem.

– Temos que mantê-lo ocupado. Ou irritá-lo o bastante para que vá embora. – Arjuna disse, enquanto os elos de corrente formavam-se em seu indicador direito. No fim, lá estava a bola de energia, brilhando.

– Temos. Não será fácil, nem um pouco fácil. – Krishna concordou, com o arco de safiras surgindo em sua mão, junto da alijava brotada das costas.

– A verdadeira justiça nunca é fácil.

– Incrível. Hoje é o primeiro dia que nos conhecemos, e que nos falamos. No entanto, nossos discursos se alinharam perfeitamente. Cá estamos, lutando pelo mesmo ideal.

– Ora, pois não deixemos que acabe aqui! - Arjuna disse, sorrindo para ele, com o vento tremulando seus longos cabelos. - Pode ser o início de algo verdadeiramente importante!

Krishna sorriu de volta. Embora ambos não soubessem ainda, sorrisos às vezes tinham diferentes significados. Naquele contexto, era nada menos que um juramento.

Sérios, decididos a doar a vida por aquela causa, saltaram para o combate. Atrás deles, o fogo tudo consumia.

O fogo de mil aventuras ainda não vividas.